

E...QUANDO O PROFESSOR É PORTADOR DE PATOLOGIA RARA? "PENSAR É SEGUIR A LINHA DE FUGA DO VOO DA BRUXA". CONTRIBUIÇÃO SOCIOPOÉTICA NA INCLUSÃO ESCOLAR

Ana Claudia da Cruz Santos Dias¹
Igor Marques Barbosa²

RESUMO

São poucos os que, através dos meios de comunicação, não identificam, às informações e dados crescentes sobre o professor portador de patologia rara. Este artigo tem a finalidade, o objetivo de divulgar conceitos significativos e inovadores, sob a perspectiva da inclusão escolar; quando na contramão do processo político- escolar, o educador portador de patologia rara, vai surgindo na contramão, na adversidade do processo, com ferramentas criativas, voltadas para o ensino x aprendizagem, em dinâmica de novas nuances de inclusão escolar. Possibilitando desafios investigativos, com a arte de forma que abordem, discutam e diagnostiquem a complexidade do tema, inserindo o contexto sociopoético. Através de abordagens dinâmicas- investigativas, as novas nuances, os resultados, serão divulgados para melhorar a qualidade de vida dos docentes portadores de patologia rara, no caso Angioedema Hereditário (AEH) e de alunos portadores da patologia, possibilitando nesse cenário, a inclusão profissional/ educacional de todos.

PALAVRAS-CHAVES: inclusão escolar; angioedema hereditário; superação.

AND...WHEN DOES THE TEACHER HAVE A RARE PATHOLOGY? "THINKING IS FOLLOWING THE ESCAPE LINE OF THE WITCH'S FLIGHT". SOCIOPOETIC CONTRIBUTION TO SCHOOL INCLUSION

ABSTRACT

There are few who, through the media, do not identify, the information and growing data about teachers with rare pathology. Thus, this work aims to address significant and innovative concepts, from the perspective of school-professional inclusion. Therefore, the work is justified in demonstrating how the teacher with rare pathology interferes in the life of the students, and, consequently, in the school environment, since some limitations tend to influence the teaching process x learning, present low school performance , or apathy both students and teachers. In that sense, it is

¹ Mestranda em Educação (Universidad de la Empresa, Montevideu, Uruguai); Bacharel em Direito; Licenciada em História. aninhaclaudias@hotmail.com.

² Mestrando em Educação (Universidad de la Empresa, Montevideu, Uruguai); Especialista em Amazônia: História, Espaço e Cultura (Faculdade Integrada Brasil Amazônia, Belém, Pará, Brasil); Graduado em Licenciatura Plena em Letras – Hab. em Língua Portuguesa (Universidade Federal do Pará, Castanhal, Pará, Brasil); Técnico em Intérprete da Cena (Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará, Belém, Pará, Brasil). sr.marques91@yahoo.com.br.

emphasized that no matter how participative the school is, it has the difficult task of forming citizens, of dignifying values in the teaching and learning process, receiving everyone. However, it is not only the school institution, but also the other socializing institutions, in the educational commitment, in the effectiveness of the rights and guarantees established by the constitution, among others, so that the teacher is an active agent in the process of professional inclusion x educational.

KEYWORDS: school inclusion; hereditary angioedema; overcoming.

INTRODUÇÃO

As pessoas que sofrem violência doméstica ou presenciam esses abusos, geralmente tendem a apresentar graves problemas emocionais, comportamentais e cognitivos, prejudicando a capacidade de socialização, de aprender e desenvolver relacionamentos positivos. Por ser a escola, o local em que o aluno permanecerá por mais tempo, reproduzirá (na escola) o que vivencia em casa.

Dessa forma, a violência doméstica um problema social, que configura em diversos lares em todo o mundo; caminhos metodológicos devem configurar em atitudes mais efetivas, no combate à crescente agressão sofrida principalmente, por crianças e adolescentes.

De acordo com Azevedo e Guerra (1995)

Todo ato ou omissão praticado por pais, perante os responsáveis contra crianças ou adolescentes, sendo capaz de causar danos físicos, sexual ou psicológico à vítima – implica de um lado numa transgressão do poder/ dever de proteção do adulto e, de outro, numa codificação da infância, isto é, numa negação do direito que crianças e adolescentes têm de ser tratadas como sujeitos e pessoas em condição peculiar de desenvolvimento (p. 26).

As pessoas violentadas têm grande tendência à depressão, a ansiedade, confusão mental e perda de memória. Perde também sua autoestima e inconscientemente a vítima acha que esse tipo de violência faz parte da atitude da

pessoa.

Segundo Guerra (2005) existem quatro tipos de violência doméstica reconhecidas: violência física, violência sexual, violência psicológica e negligência. Para Shnit (apud Westphal, 2005), os progenitores da criança são o seu modelo de identificação e o seu primeiro abrigo, em toda a questão que demande aconselhamento e orientação do adulto. Assim, quando a base de confiança e apoio é, em vez disso, uma fonte de experiências negativas devido à violência e negligência, o dano físico e mental à criança tende a ser enorme.

Desta forma Piaget (1978) afirma que “a inteligência pode desenvolver-se aquém ou além do seu potencial, dependendo do conjunto de influências e estimulações ambientais, que alterem os padrões de comportamento do indivíduo”. Partindo deste pressuposto, consideramos que a violência doméstica, sofrida principalmente por uma criança e adolescente, comprometerá o seu desenvolvimento cognitivo, social e motor, prejudicando a aprendizagem.

A violência doméstica está diretamente vinculada às violações dos direitos humanos, principalmente as que atingem a vida e a integridade psicológica e física dos indivíduos. A convivência das pessoas, em extrema desigualdade social, acaba sendo um dos fatores que passam a contribuir, para a degradação do comportamento humano.

As causas são inúmeras, desde as sociais, como a vigência de políticas públicas de exclusão social, que não possibilitam o acesso à inclusão escolar, a educação de qualidade e trabalho digno, causando desconfortos psicológicos, que convertem na baixa estima, sobrevivência, aceitação e autoafirmação, que supostamente pelo deslumbre, são encontrados no poder paralelo do narcotráfico.

Diante desta problemática, torna-se importante no cotidiano escolar observar se o currículo faz sentido para os alunos e professores, se a dinâmica e metodologias aplicadas fazem que os alunos se sintam incluídos ou excluídos, e, ainda, se a estrutura organizacional da escola e dos gestores poderá ser um facilitador do crescimento da aprendizagem? Assim, as normas e regimentos da escola, serão pautados no respeito mútuo?

São indagações reflexivas ao processo de ensino-aprendizagem, que devemos

respondê-las diariamente.

1 VIOLÊNCIA E A HISTÓRIA

Em documentos e relatos da história da humanidade, constataremos que a violência existe desde os primórdios. Nossos ancestrais, os homens, sobreviveram através da utilização da força física pela construção de artefatos de defesa e ataque. Surgindo, a manifestação violenta, como uma forma de sobrevivência do homem pré-histórico. No século XXI, o homem vem se destacando e elaborando formas de sobrevivência. Se dermos uma volta pela história da humanidade, constataremos que a violência existe desde os primórdios. Nossos ancestrais, sobreviveram na medida em que substituíram a utilização regular da força física pela construção de artefatos de defesa e ataque. Surgindo a manifestação violenta, como uma forma de sobrevivência do homem pré-histórico.

Atualmente, a violência assumiu formas sutis de manifestação. Não é mais uma questão de viver ou morrer, há uma suposta frieza em relação ao homem, que se constata por meios brutais de sobrevivência, agregado ao desenvolvimento tecnológico.

A Violência progrediu. Tornou-se violência doméstica.

Segundo Chauí (1996/1997), atualmente com a quebra de um mito e do significado de violência, vem destacando-se o “preconceito brasileiro” que nos informa ainda pequenos que não somos violentos, somos pacíficos e ordeiros por natureza. Essa seria, para a autora, um dos preconceitos profundos da nossa sociedade, gerando passividade diante da dor física e psicológica, da violência.

Nos dias atuais, a violência permeia as relações de vizinhança, de familiares; atravessa toda a organização social, surgindo nos setores menos regulamentados da vida, até a consolidação dos valores fundamentais da cultura.

Nesse cenário, destaca-se o conceito etimológico do termo violência, que vem do latim: *violentia*: violência, caráter bravo. Os significados estão relacionados a uma

forma de força que agride ou transgride algo ou alguém.

Michaud (1989) afirma que a força se torna violenta quando passa da medida ou perturba uma ordem, e a partir disso, o Estatuto da Criança e do Adolescente (2001) ressalta que dentre as modalidades de violência, a violência psicológica, por ser frequente, pode levar a pessoa a sofrer de ansiedade e adoecer, e se agravadas, podem levar a pessoa a provocar suicídio. Ainda que o Ministério da Saúde diferencie os quatro tipos de violência, eles se misturam e se entrelaçam de formas diversas.

2 A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E A INFLUÊNCIA NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM

Considera-se, que existem vários fatores de ordens (psicológica, socioeconômica, cultural e escolar), que podem influenciar na aprendizagem e levar os alunos ao fracasso escolar.

Segundo Aquino (1997) existem discursos que apontam os distúrbios de aprendizagens como sendo de origem psicológica, sendo influenciado pelos fatores emocionais. Atrelado a essas questões psicológicas está a violência doméstica como determinante do fracasso escolar.

É importante salientar, que o profissional em educação deve estar sempre alerta, observando o comportamento e o relacionamento de seu aluno como os demais colegas. A violência doméstica é tão cruel que deverá ser sempre enfrentada.

Se surgirem mudanças nas atitudes dos alunos, dificuldade na aprendizagem é necessário o diálogo, para juntos buscarem soluções, que permitam diálogo com a família, e, se necessário, buscar auxílio junto a profissionais de apoio psicológico, e, caso necessário, levar aos conhecimentos do Conselho Tutelar da Criança e do Adolescente.

Para entender como a violência doméstica interfere no processo de aprendizagem, José e Coelho (2006) expõem que a aprendizagem

é o resultado da estimulação do ambiente sobre o indivíduo já maturo, que se expressa, diante de uma situação-problema, sob a forma de uma mudança

de comportamento em função da experiência, [...] abrange os hábitos que formamos, os aspectos de nossa vida (p.11).

Assim, de acordo com Mahoney e Almeida (2005) “quando não são satisfeitas as necessidades afetivas, estas resultam em barreiras para o processo ensino-aprendizagem, e, portanto, para o desenvolvimento [...] do aluno” (p. 26).

Dessa forma, a criança que sofre a violência doméstica tem a sua capacidade de aprendizagem prejudicada, tendo em vista que, esses atos, de forma geral, são atenuante de negação de afeto.

Piaget (1978 *apud* Veiga, 2009), por sua vez, relata-nos que a inteligência pode se desenvolver além do potencial, dependendo do conjunto de influências e estimulações ambientais, que alterem os padrões de comportamento do desenvolvimento físico, mas também motor, social e cognitivo, o que pode levar a problemas de aprendizagem.

Percebe-se que a agressividade, passa a ser um dos sinais de alerta, indicando uma exposição à violência doméstica, sendo uma das muitas formas dos alunos responderem através da agressividade às dores e mágoas de que são vítimas.

Contudo, é importante salientar que nem todas as crianças e adolescentes com comportamentos agressivos estão necessariamente expostos à violência doméstica. A passividade, a indiferença e o desânimo também são apontados como características comuns aos alunos que convivem com a violência doméstica. Devem-se ficar alerta as mudanças de comportamento em sala de aula, pois servem de sinal para detectar o que pode estar acontecendo com o aluno.

Considerando que as crianças e adolescentes vítimas da violência doméstica, sentem dificuldades no processo de aprendizagem, cabe observar que os principais comportamentos apresentados pelas crianças vítimas da violência doméstica e com dificuldades de aprendizagem são: a) expressão oral pouco desenvolvida e afetividade comprometida; b) medo excessivo; c) fuga da realidade; d) depressão; e) choro; f) isolamento; g) baixo rendimento; h) desinteresse pela aprendizagem; i) agitação; j) agressividade e k) dificuldade de concentração.

Observamos que a violência acarreta problemas nas crianças e/ou adolescentes, como a baixa autoestima e a negação das suas capacidades. O medo

excessivo (medo de falar, medo das pessoas) e o choro também se mostraram presentes nesse contexto de agressão e dificuldades de aprendizagem.

Assim, compreendemos que a aprendizagem da criança vítima da violência doméstica pode ser comprometida, pois o aluno internaliza o tratamento que recebe, acreditando que não é capaz de aprender e acaba por acreditar que “nunca” conseguirá aprender.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise e discussões das consequências provocadas pela violência doméstica, conclui-se que o sistema educacional não pode se eximir da responsabilidade em relação às violências sofridas pelos alunos, que ocasionam dificuldades de aprendizagem decorrente dos problemas vivenciados em casa. São necessárias aplicação de políticas educativas nas escolas, para que as dificuldades de aprendizagem pelos alunos sejam superadas dia após dia.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Vera Regina Pereira de. **A ilusão da segurança jurídica**: do controle da violência a violência do controle penal. Porto Alegre: RS Livraria do Advogado, 1967.

AZEVEDO, Maria Amélia & GUERRA, Viviane de Azevedo. **A violência doméstica na infância e na adolescência**. São Paulo, SP: Robe Editora, 1995.

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente**. Obra coletiva de autoria da Editora Saraiva com a colaboração de A. L. T. Pinto, M.C. V.dos S. Windt e L. E. A. de Siqueira. 10. Ed., São Paulo: Saraiva. 2000.

CHAUÍ, Marilena. Senso comum e transparência. **O Preconceito**. São Paulo: Secretaria de justiça e defesa da cidadania/Imprensa oficial, 1996/1997.

FONTES, Carlos. **Insucesso escolar**. 2018.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliar para Promover: as Setas do Caminho**. Porto Alegre: Mediação, 2002.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da Aprendizagem Escolar**. São Paulo: Cortez, 2000.